



Editorial

A Praça – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, é fruto do nosso esforço, enquanto Comitê Editorial, para promover a divulgação do conhecimento sociológico (e de suas áreas afins) em resistência ao cenário atual que ameaça a nossa profissão. Após as eleições presidenciais de 2018, as Ciências Humanas – e, nelas, de modo muito especial, as Ciências Sociais/Sociologia – têm sido alvo de ataques implacáveis, cujo objetivo não é outro, senão o de minar as nossas produções e comprometer a continuidade da disciplina. Nesse sentido, faz-se ainda mais urgente a continuidade de nosso trabalho e a promoção de circulação desse conhecimento. A divulgação de artigos científicos de qualidade e que fazem análises acuradas da realidade social é a nossa arma contra o obscurantismo que acometeu a sociedade brasileira e que tem, no atual Presidente da República, lamentavelmente, sua expressão máxima.

Franz Fanon finaliza seu clássico *Pele negra, máscaras brancas* com um apelo: “Ó, meu corpo, faça de mim, sempre, um homem que questiona”. Essa frase reitera a importância de questionarmos as opressões que nos subjugam – no caso específico do livro, o racismo que adoece a todos, negros e brancos. Aos primeiros, adoece-os por meio dos estigmas de uma inferioridade perversa e criada, justamente, para que os segundos – os brancos –, também adoecidos, vivam segundo as fantasias de uma pretensa superioridade. Acreditamos que podemos alargar um pouco o escopo de tal sentença e trazê-la para refletirmos sobre as ameaças e perseguições que vêm sendo dirigidas às Humanidades – porque dirigidas, em última instância, a tudo o que é humano. O projeto de poder da extrema-direita no Brasil e no mundo alicerça-se sobre toda sorte de negacionismos – e não nos referimos, aqui, exclusivamente à tentativa de diminuir a importância, tanto científica quanto social, da Sociologia, mas também a sandices como o “terraplanismo” e, sobretudo, em tempos recentes,

à forma como o Presidente vem lidando com a pandemia da COVID-19, o novo coronavírus. Acreditamos que essa tentativa de deslegitimação do saber acadêmico compõe o mesmo enredo cujo objetivo é, por excelência, fazer com que a sociedade padeça na mais profunda ignorância, assim tornando-se, como bem nos ensinou Bourdieu, cúmplice daquilo que a oprime. Eis por que começamos este Editorial com o apelo de Fanon.

Para a Sociologia, é de extrema importância saber questionar. Muitas vezes, uma boa questão é o que norteia uma boa pesquisa. Além disso, é preciso ter, como também foi dito por Bourdieu, uma espécie de disposição acolhedora, capaz de fazer nossos os problemas de outras pessoas. A essa capacidade, ele chamou de “amor intelectual”. Esses aspectos são alguns dos que fazem com que a Sociologia seja vista como uma ameaça ao projeto de poder que tem rondado – e mesmo permeado – a sociedade brasileira nos últimos anos. Acontece que tais aspectos são também a nossa força e, no que depender da Revista Praça, não iremos sucumbir.

É, portanto, nesse momento de grande instabilidade, gerado por um governo que não se importa com as universidades, ao adotar uma política de precarização dos recursos e ataques explícitos aos estudos científicos e ao pensamento crítico, que esta edição é lançada com espírito combativo, pelo qual visamos estabelecer um ambiente aberto à motivação, à discussão e ao engajamento da comunidade científica e da sociedade civil como um todo. Assim, em um convite à leitura, segue um panorama dos trabalhos aqui publicados:

O artigo de abertura, *A sociologia bourdieusiana e a construção social do habitus negro*, de Raul Vinícius Araújo Lima, busca discutir de que forma a ideia de um habitus negro pode se tornar um caminho viável para explorarmos como estariam delimitados alguns modos e estilos de vida, a partir das lógicas raciais. No artigo *“Meu corpo, minhas regras!”: Michel Foucault, corpo da mulher e feminismo*, Lorena Ferreira Cronemberger aborda a necessidade de tratarmos os problemas políticos na relação com os “saberes médicos e científicos” quando se fala do “corpo da mulher”, em vista de se pensarem os processos de assujeitamentos e, consequentemente, os corpos e mentes adoecidos. Já o artigo *Notas sobre o ensino de Ciências Sociais/Sociologia no Brasil e no México: uma análise comparativa dos manuais escolares*, de Jefferson Evânio, traz uma sistematização comparativa a partir dos discursos sobre a política presente nos manuais didáticos destinados ao ensino das Ciências Sociais/Sociologia na educação básica do México e do Brasil. O penúltimo artigo, *O mercado atacadista como campo político: proposta de análise político-cultural das praças de mercados da agricultura familiar no CEASA-PE*, de Juliana Gomes Moraes, oferece-nos um estudo de natureza descritivo-exploratória com o objetivo de mostrar as imbricações entre os espaços de mercado atacadista e o campo político. Finalmente, em *Uma análise sócio-histórica do “instante” cinemanovista*, Wendell Marcel Alves da Costa apresenta um panorama analítico sobre os efeitos sociais, históricos e estéticos do movimento cinematográfico Cinema Novo, no Brasil dos anos 1960, com vistas a atualizar o debate sobre a importância desse “instante” na cinematografia brasileira.

Esperamos, desse modo, contribuir para a divulgação de um saber que só é capaz de ser

obtido por aqueles que conseguem exercitar um olhar sensível em relação ao outro. O que é a Sociologia, senão também a prática da solidariedade, na qual as conexões entre as pessoas são fundamentais para as nossas abstrações teóricas? Se não nos importássemos com o outro, não teríamos sequer escolhido olhá-lo segundo o filtro que a Sociologia nos fornece. Não pensem que é fácil – trata-se de um caminho doloroso, que nos deixa diante das dores do mundo sem os véus do senso comum. Apesar disso, está muito claro, sobretudo no atual contexto, que é desse tipo de solidariedade que o mundo precisa – solidariedade que pode nos salvar a todos.

Parece que há mesmo razão para nos odiarem: nosso saber é o oposto de tudo o que defendem. Nosso saber só é possível, e só faz sentido, se estiver preocupado com o outro.

Eis por que hoje, tempo em que avançam o tom e os meios de institucionalização de políticas de extermínio contra o “outro-inimigo”, temos certeza de que só nos resta uma saída: fazermo-nos presentes ante cada desafio que nos é imposto, instigando e orientando reflexões à luz da Sociologia.

Comité Editorial
